

## OPINIÃO

### Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

03-08-2022

# MEU NOME É... FRANCISCA JÚLIA

Gyslaine Daureu Weltz

[Estudante de Literatura]

*Só bem depois que eu nasci  
(em 1871) é que eu pude  
expressar que minha vida  
encurta-se hora a hora.  
Isso foi pouco tempo antes  
de 1920, o ano em que  
resolvi encurtá-la  
definitivamente.  
Voltei do cortejo fúnebre  
de Philadelpho e horas  
depois foi a minha vez.  
Eu já havia escrito um  
soneto (*Outra Vida*),  
mas só lhe dei sentido  
nesse momento.*



Francisca Júlia da Silva – Wikipédia, a encyclopédia livre (wikipedia.org)

### OUTRA VIDA

Se o dia de hoje é igual ao dia que me espera  
Depois, resta-me, entanto, o consolo incessante  
De sentir, sob os pés, a cada passo adiante,  
Que se muda o meu chão para o chão de outra esfera.  
  
Eu não me esquivo à dor nem maldigo a severa  
Lei que me condenou à tortura constante;  
Porque em tudo adivinho a morte a todo instante,  
Abro o seio, risonha, à mão que o dilacera.  
  
No ambiente que me envolve há trevas do seu luto;  
Na minha solidão a sua voz escuto,  
E sinto, contra o meu, o seu hálito frio.  
  
Morte, curta é a jornada e o meu fim está perto!  
Feliz, contigo irei, sem olhar o deserto  
Que deixo atrás de mim, vago, imenso, vazio...

*Quando passei a escrever em A Semana, de Valentim Magalhães, no Rio de Janeiro, o crítico literário João Ribeiro, não acreditava que era uma mulher que escrevia. Ele achava que era Raimundo Correia que usava um pseudônimo feminino, no caso Eu mesma. Acho que o João ficou com raiva do Raimundo e passou a atacá-lo com um pseudônimo feminino (Maria Azevedo). Depois tudo foi esclarecido. Às mulheres era reservado um não lugar na literatura.*

*Depois de esclarecido, João Ribeiro se empenhou para que meu primeiro livro fosse publicado.  
Em 1895, nasceu Mármore e aí eu já era a Francisca Júlia de verdade. Já não era considerada um pseudônimo de algum outro poeta.  
Meu soneto *Sonho africano* é dedicado a João.*

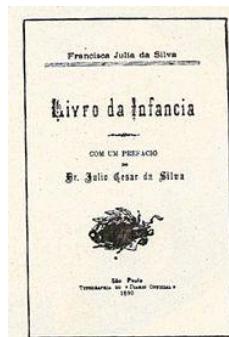
### Sonho africano

(a João Ribeiro)

Ei-lo em sua choupana. A lâmpada, suspensa  
Ao teto, oscila; a um canto, um velho e ervado fimbo  
Entrando, porta adentro, o sol forma-lhe um nimbo  
Cor de cinábrio em torno à carapinha densa.  
  
Estira-se no chão... tanta fadiga e doença!  
Espreguiça, boceja... O apagado cachimbo  
Na boca, nessa meia escuridão de limbo  
Mole, semicerrando os dúvida olhos, pensa...  
  
Pensa na pátria além.... As florestas gigantes  
Se estendem, sob o azul, onde, cheios de mágoa,  
Vivem negros reptis e enormes elefantes...  
  
Calma em tudo. Dardeja o sol raios tranquilos...  
Desce um rio, a cantar... Coalham-se à tona d'água  
Em compacto apertão, os velhos crocodilos...

*Quando Olavo Bilac louvou-me na forma e na língua "por um banho maravilhoso de novidade e frescura", fiquei lisonjeada. Acho que cheguei a ter uma certa consagração pela difusão de minha escrita em diversas revistas. Em 1899 quando publiquei o Livro da Infância eu tinha a intenção de iniciar no Brasil uma literatura voltada para crianças.*

*Como ainda não existia esse tipo de literatura eu o destinei às escolas públicas de São Paulo.*



*Deixo aqui a primeira estrofe de meu soneto*

### Caridade

A alma do homem se torna egoista e má /  
Porque a impiedade de hoje é a sua escola.  
Essa, que no Evangelho se acrisola, Caridade cristã, onde é que está?

Nota do Editor: A autora, Gyslaine Weltz, ao falar da poesia brasileira, como ela mesma diz, mergulha na essência do/as, autore/as, exerce uma alteridade psico- arqueológica, transmuta-se neles/as...